

da cantata BWV 117. Trata-se de uma sucessão de pequenas pérolas, que surgem aqui descontextualizadas, cativando o ouvinte pelo caminho mais fácil. A música de Bach, o belo timbre da cantora, a sua solidez técnica e a sua musicalidade, bem como o desempenho pleno de energia da orquestra são factores que contribuem para tornar a gravação bastante apelativa numa audição superficial. No entanto, uma análise mais atenta revela alguns problemas de estilo. A fluência e o recorte das frases são muitas vezes quebrados por um discurso que parece ser pensado nota a nota e por uma deliberada ênfase nas consoantes. Tendo em conta a riqueza da discografia bachiana sob a batuta de especialistas como Herreweghe, Gardiner, Koopmann, Suzuki e muitos outros, este é um disco que interessará mais aos fãs incondicionais da meio-soprano sueca ou a um público menos especializado dos que aos melômanos mais conhecedores do universo interpretativo do grande compositor alemão. C.F.

## Pop

# Danças novas e bailes antigos

Rock'n'roll, bossa yé yé e pista de dança numa nova leva Optimus Discos.  
**Mário Lopes**



**Real Combo Lisbonense**  
Real Combo Lisbonense  
Optimus Discos



**The Vicious Five**  
Optimus Discos



**Rui Maia**  
Mirror People  
Optimus Discos



Um disco de versões que não ouvimos enquanto tal. Um disco ao



Real Combo Lisbonense revisitam a pop portuguesa dos anos 60

vivo, diferente dos discos ao vivo a que estamos habituados. E um primeiro EP a confirmar o que se ia ouvindo aqui e ali. Resumindo, entre esta segunda vaga de edições da Optimus Discos, encontramos os Real Combo Lisbonense, de João Paulo Feliciano, a darem nova vida a canções gravadas nos anos 1960 pelo Thilo's Combo ou pelo Conjunto Shegundo Galarza, os Vicious Five a gravar cinco canções ao vivo no estúdio e Rui Maia, o homem dos sintetizadores nos X-Wife, atirando-se à pista de dança com o bom gosto habitual e um sentido histórico bem definido daquilo que faz mexer o corpo (sem alienar o cérebro).

Os Real Combo Lisbonense são uma festa em concerto. Pegam no cosmopolitismo possível do Portugal dos anos 1960 e, com o swing do yé-yé, com bossa-nova que é também yé-yé e bossa que é fado, com a castiça "Borracha do Rocha" (original do Conjunto de Mário Simões) e o romantismo de "Dois estranhos" (de Fernanda Ferreirinha com o Conjunto Shegundo Galarza), transformam-se num baile à antiga a que nos entregamos sem pudor e com toda a inocência. Em disco, pode faltar a vertente física mais imediata - o calor do palco, obviamente -, mas mantém-se uma luminosidade especial: uma reminiscência de algo que não conseguimos identificar claramente - lançamos um "Oh" ao ar (é a segunda canção), dançamos aquela pop que ainda é deliciosamente pop quarenta anos depois e ainda temos tempo para, com "Sensatez", perceber que há uma diferença entre a insuportável matéria requentada de uns Nouvelle Vague e a "real thing" cantada na voz doce de Márcia Santos.

Com os Vicious Five, o reconhecimento é diferente. "Lisbon Calling EP" é a banda de "Sounds

Like Trouble" ao vivo no estúdio: "uma situação hermafrodita", como escreveu o vocalista Joaquim Albergaria no texto de apresentação do disco. Lá temos a explosiva "Don't forget to breathe", a empolgante "Coffee helps" ou o hino "Lisbon calling". Lá as temos na aceleração típica dos Vicious Five que conhecemos dos palcos, lá pressentimos a descarga de adrenalina - mesmo de muito pouco rock'n'roll phones nos ouvidos. Mas sentimo-las mais como documento curioso para memória futura que



Rui Maia: teclista dos X-Wife agora a solo

como marca discográfica verdadeiramente relevante. Claro que o jogo de guitarras de "Fallacies and fellatio" é magnífico, claro que o crescendo final de "Lisbon calling" pode levar existencialistas

circunspectos a correr rua fora em busca de agitação, mas a verdade é que já sabemos tudo isso.

Por fim, Rui Maia, cujo trabalho a solo começara a ser desvendado com o inapelavelmente "cool" "Moroder, I believe in you" - batida funk, linha de baixo em ataque sincopado e sintetizadores a criar o ambiente escapista perfeito para o título da canção. É uma das seis canções de um EP que o confirma como inspirado artífice do sintetizador, como melômano da pista de dança.

Por paradoxal que tal possa parecer, aquele é também o seu ponto fraco. Porque "Never coming back", cantada por João Vieira, vocalista e guitarrista dos X-Wife, é canção que conseguimos imaginar no alinhamento de um álbum da banda. Porque a vaporosa "Rare jewels" é disco mutante que este século XXI de futurismo vintage deverá receber de braços abertos. Porque é ótimo ver com alguém reconhece valor nos Can de "Saw delight" - aqueles que se atiram com sintetizadores a funk e a dança africana - e deles se apropria para as divagações de "The heart of the sun".

Ou seja, Rui Maia mostra-se um criador de matéria dançável com gosto impoluto e inventividade assinalável. Contudo, para que a sua marca de personalidade latente se revele na totalidade,

